

3.

Jl 4,15-17: texto e crítica

3.1.

Tradução, notas filológicas e crítica textual

a) Tradução de Jl 4,15-17

Sol e lua escureceram,	15a	שֶׁמֶשׁ וַיְרַח קִדְרוֹ
e estrelas recolheram o seu brilho.	15b	וְכּוֹכְבִים אָסְפוּ נִגְהָם
Mas YHWH de Sião rugirá	16a	וַיְהוֶה מְצִיּוֹן יִשְׁאָג
e de Jerusalém soltará a sua voz	16b	וּמִירוּשָׁלַם יִתֵּן קוֹלוֹ
e tremerão céus e terra,	16c	וַרְעֵשׂוּ שָׁמַיִם וָאָרֶץ
mas YHWH será um refúgio para seu povo,	16d	וַיְהוֶה מַחְסֵה לְעַמּוֹ
e uma fortaleza para os filhos de Israel.	16e	וּמַעֲזוֹ לְבְנֵי יִשְׂרָאֵל
E saberão,	17a	וַיֵּדְעוּתֶם
que eu sou YHWH, vosso Deus,	17b	כִּי אֲנִי יְהוָה אֱלֹהֵיכֶם
aquele que habita em Sião, meu monte santo,	17c	שֹׁכֵן בְּצִיּוֹן הַר־קֹדֶשׁ
e Jerusalém será santa,	17d	וְהָיְתָה יְרוּשָׁלַם קֹדֶשׁ
e estrangeiros não passarão por ela de novo.	17e	וְזָרִים לֹא־יַעְבְּרוּבָה עוֹד

b) *Notas filológicas*

- v. 15:

a) O verbo hebraico קָדַר, no *qal*, aparece na BH em algumas formas verbais significativas: com o *waw* consecutivo, וְקָדַר (cf. Mq 3,6); na primeira singular do *qal qatal*, קָדַרְתִּי (cf. Jr 8,21); na forma de particípio singular קָדַר (cf. Sl 35,14) e plural קָדַרִים (cf. Jó 5,11; 6,16). Em todos os casos, o sentido do verbo é ser/estar escuro. O verbo aparece cerca de 19 vezes na BH,⁹⁷ além de ser base para o nome próprio de um povo ou região, קָדַר (cf. Sl 120,5; Is 21,16; Jr 49,28).⁹⁸ O termo, em âmbito verbal, procede de uma raiz primitiva “ser cinza”, ou seja, “de cor escura”, por implicação, chorar usando roupas de luto; “ser preto”, “ser escuro”. Esta raiz, então, denota a ausência de luz, bem como os preparativos em torno de cerimônias fúnebres. A raiz é usada em contextos de decisão, nos quais os céus e corpos celestes⁹⁹ dela participam perdendo seu brilho (cf. Jr 4,28). Assim, o grande e terrível *yôm* YHWH estaria associado ao luto pela perda do brilho dos corpos celestes (cf. Jl 2,10). Este dia, por sua vez, estaria diretamente ligado com um elemento que pode ter conotação escatológica: o escurecimento dos corpos celestes (cf. Jl 4,15).¹⁰⁰

No Antigo Oriente Próximo, a escuridão era considerada como um elemento importante no pensamento religioso. Ela denotava o conjunto daquilo que é nocivo ou mal. Neste sentido, se relaciona escuridão com um sentimento de tristeza. Outros textos evidenciam isto (cf. Is 13,10; Sf 1,15, Ap 8,12). Todavia, apesar de seu aspecto ameaçador, a escuridão é apenas uma entidade que antecede a manifestação de YHWH.¹⁰¹

b) O verbo אָסַף tem como significados principais “reunir”, “juntar”, “colher”, “apanhar”, “juntar”, “achegar”, “amontoar”.¹⁰² O verbo indica uma ação em vista do estabelecimento de algo. Quando transitivo, o verbo denota “trazer para junto”,

⁹⁷ Cf. A. EVEN-SHOSHAN, *A New Concordance of the Bible*, p. 300-302.

⁹⁸ Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, “קָדַר”, *DBHP*, p. 571.

⁹⁹ Cf. R. BARTELMUS, “שָׁמַיִם”, *TDOT*, p. 204-236; R. E. CLEMENTS, “יְרֵחַ”, *TDOT*, p. 355-361.

¹⁰⁰ Cf. L. J. COPPES, “קָדַר”, *DITAT*, p.1319-1320; H. SCHMOLDT, “קָדַר”, *TDOT*, p. 518-520.

¹⁰¹ Cf. L. J. COPPES, “קָדַר”, *DITAT*, p.1319-1320.

¹⁰² Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, “אָסַף”, *DBHP*, p. 68-70.

“reunir”; quando intransitivo, o sentido é de “vir para junto de”, “ajuntar”. Um uso do verbo está relacionado com a colheita, cuja palavra hebraica é קָצִיר. Desta forma, pode-se chegar a um sentido figurado, como a destruição de uma colheita como sinal do castigo divino, pois o tempo da colheita, frequentemente, denotava um período de destruição.¹⁰³

- v.16:

a) O verbo נָשַׁע é utilizado, geralmente, para expressar o rugido de um animal feroz. O verbo tem o sentido de “emitir urro barulhento”, de maneira específica o dos dos leões¹⁰⁴, e é assim empregado em Am 3,4.8; Jz 14,5 e Sl 104,21. Um exemplo se encontra no Sl 38,8 [9], onde o salmista diz “*dou rugidos por causa do desassossego do meu coração*”, no qual o verbo é empregado para descrever os gemidos que brotavam do íntimo da pessoa por causa dos seus pecados (v.18) e dos seus inimigos (v.12). No Sl 74,4, os inimigos de YHWH “rugiram” prazerosamente, ao fincar os estandartes em meio às ruínas da casa do Senhor, que conquistaram e profanaram. No texto de Joel, assim como em Am 1,2, o verbo relacionado é atribuído a YHWH. O verbo indica uma atitude de ameaça de YHWH ou de ataque contra as potências hostis.¹⁰⁵

b) O verbo נָתַן além de seu sentido fundamental “dar”, pode-se citar “presentear”, “oferecer”, “soltar”, “empregar”, “transmitir”, “pôr”, “estabelecer”, “tomar” ou “permitir”.¹⁰⁶ Este verbo é irregular ou fraco, no sentido de que frequentemente sofre a perda de um ou ambos *nuns*, por meio de eliminação ou de assimilação por uma consoante adjacente. O uso da raiz, em sentido figurado, inclui YHWH pondo seu espírito sobre o servo (cf. Is 42,1), lançar censuras sobre o povo pecador (cf. Jr 23,40), ou, o lançar maldições sobre os inimigos (cf. Dt 30,7) e também o colocar de sua majestade nos céus (cf. Sl 8,1). No texto de Joel, o “soltar a sua voz” é uma expressão que parece significar “fará ouvir a sua voz”, isto é, vai

¹⁰³ Cf. F. CHARLES, “קָצִיר”, *DITAT*, p. 138-141.

¹⁰⁴ Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, “נָשַׁע”, *DBHP*, p. 651.

¹⁰⁵ Cf. G. G. COHEN, “נָשַׁע”, *DITAT*, p. 1499-1500; A. GRAUPNER, “נָשַׁע”, *TDOT*, p. 232-236.

¹⁰⁶ Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, “נָתַן”, *DBHP*, p. 456-459.

impor sua palavra, isto é, a sua vontade. Assim, נָתַן expressa uma ação que provoca temor de um futuro ataque.¹⁰⁷

c) O verbo שָׁעַר ocorre apenas nos *neḥ'îm* e *ketubîm*. O significado mais comum do verbo é o de estar “trêmulo”, “tremor”, “estremecer” e “mexer”.¹⁰⁸ Tem como sujeitos o céu, a terra e as nações gentílicas, que serão sacudidas por YHWH (cf. Ag 2,6-7.21). Na maioria das vezes, é empregado para descrever a soberania divina sobre o mundo físico. Neste sentido, está relacionado com o tremor de terra e fenômenos geológicos. É comum estar acompanhado da palavra “terra” (cf.; Sl 18,8; Jó 39,24), “montes” (cf. Sl 46,4; 72,16), “lugares altos” (cf. Jr 4,24; Na 1,5) e “céus” (cf. Jz 5,4; Sl 68,9). A relação do verbo com a palavra “céus” é rara, e, no *corpus* dos Doze Profetas, somente em Jl 2,10; 4,16 e Ag 2,6.21, possui o sentido de totalidade: “céus e terra” ou “céus, terra, mar e terra seca”. No texto estudado, a forma verbal *weqatal* expressa uma ideia futura, sendo um verbo de reação ao som da voz de YHWH, anunciando o seu julgamento.¹⁰⁹

- v.17:

a) O verbo יָדַע é usado em todos os graus verbais na BH e expressa variedade de aspectos de conhecimento adquirido pelos sentidos. Usa-se da raiz para designar o conhecimento que YHWH tem do homem (cf. Gn 18,19; Dt 34,10) e de seus caminhos (cf. Is 48,8). Usa-se a raiz para designar o conhecimento que o homem possui (cf. Is 1,3). Neste sentido, pode expressar “o conhecer” intelectual ou humano-afetivo-sexual (cf. Gn 4,1; Nm 31,17.35; Jz 11,39), indicando uma relação de grande intimidade. A raiz também é empregada para designar o relacionamento de alguém com a divindade, seja com outros deuses (cf. Dt 13,3.7.14) ou com YHWH (cf. 1Sm 2,12;3,7).¹¹⁰ Em Ex 10,2, foram enviadas pragas para que os egípcios conhecessem que YHWH é Deus. Ez 6,7 afirma que YHWH destruirá e restaurará Israel, de sorte que o povo saberá que ele é YHWH (cf. Is 60,16).

¹⁰⁷ Cf. S. LIPINSKI, “נָתַן”, *TDOT*, p. 90-107; R. L. HARRIS, “נָתַן”, *DITAT*, p. 1017-1018.

¹⁰⁸ Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, “שָׁעַר”, *DBHP*, p. 628.

¹⁰⁹ Cf. W. WHITE, “שָׁעַר”, *DITAT*, p. 2195-2196; H. SCHMOLDT, “שָׁעַר”, *TDOT*, p. 589-592.

¹¹⁰ Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, “יָדַע”, *DBHP*, p. 268-270.

O texto de Joel apresenta o verbo como uma declaração assertiva de que o povo “conhecerá” YHWH na medida em que se cumprirem o juízo dos povos estrangeiros e inimigos do povo eleito. O conhecimento de YHWH, pela sua ação na história, é indicado com este verbo como certeza da resposta positiva do povo à sua predileção. Estes são seus eleitos, assim como a Cidade Santa.¹¹¹

b) O verbo שָׁבַן ocorre, na maioria das vezes, no *qal*. Geralmente, o verbo se traduz como “instalar para permanecer”, “habitar”, “morar”, “residir”.¹¹² O sentido pode indicar não necessariamente um lugar de habitação permanente, como os assentamentos tribais à beira-mar, que teriam uso temporário e não um território fixo da tribo. O primeiro uso do verbo na BH está no estabelecimento que Deus faz aos querubins no lado leste do Éden, para proteger contra o regresso do homem para a árvore da vida (cf. Gn 3,24). Em seguida, o verbo é usado na bênção de Noé, para que Jafé habitasse nas tendas de Shem, com Canaã, como servo (cf. Gn 9,27). Em muitas ocorrências YHWH é o sujeito da ação. YHWH pode habitar no monte Sião (cf. Sl 74,2), entre o seu povo (cf. Ex 25,8), em Jerusalém (cf. Zc 8,3). Jerusalém é a habitação do nome de YHWH (Dt 12,11). Em várias ocasiões, alguma representação simbólica da presença divina habita no meio do povo, como a glória presente na terra (cf. Ex 24,16; Sl 85,9). Mais frequentemente, o tema da habitação está relacionado com a nuvem (cf. Nm 9,17.18.22; 10,12, Jó 3,5).¹¹³

c) O verbo הָיָה é utilizado de forma ampla e, de maneira geral, pode ser traduzido pelo verbo “ser” ou “estar”, assim como um verbo auxiliar em expressões de ausência e presença, de posse ou pertença.¹¹⁴ O uso que o hebraico faz das frases nominais, exclui, significativamente, o uso da raiz para expressar uma simples existência ou a identificação de um ser ou de uma coisa. Esta ausência da raiz, como

¹¹¹ Cf. J. P. LEWIS, P. R. GILCHRIST, “יָדַע”, *DITAT*, p. 597-600; G. J. BOTTERWECK, “יָדַע”, *TDOT*, p. 448-481.

¹¹² Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, “שָׁבַן”, *DBHP*, p. 670-671.

¹¹³ Cf. W. GÖRG, “שָׁבַן”, *TDOT*, p. 691-704; V. P. HAMILTON, “שָׁבַן”, *DITAT*, p. 1561-1564; F. BROWN, “שָׁבַן”, *BDB*, p. 1014.

¹¹⁴ Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, “הָיָה”, *DBHP*, p. 167-176; F. BROWN, “הָיָה”, *BDB*, p. 224.

verbo de ligação ou particular de existência, pode denotar uma compreensão mais dinâmica na expressão literária hebraica.¹¹⁵

Em Jl 4,17, o verbo *הָיָה*, no *wegatal*, apresenta-se como uma afirmação do estabelecimento da santidade da cidade de Jerusalém. Na língua hebraica, de maneira geral, os nomes de cidades e territórios são regidos por verbos na forma feminina, assim como o uso dos adjetivos, que está no masculino, explicando a relação direta com a cidade de Jerusalém.¹¹⁶

d) De maneira geral, o verbo *עָבַר* pode ser traduzido como uma ação de transição, como “cruzar”, “cruzar sobre”, “passar”; dimensão bélica: “marchar sobre”; pode expressar ideia de plenitude como “transbordar”, “passar por cima”; de migração ou peregrinação: “ir além de”, “cruzar, atravessar”; ainda uma dimensão cultural: “passar através” (referindo-se às partes da vítima em aliança); de maneira metafórica pode referir-se ao “morrer”, “deixar” (o território de alguém), “desaparecer”, “perecer”, “cessar de existir”; no âmbito jurídico-legal: “tornar-se inválido”, “tornar-se obsoleto” (referindo-se à lei, decreto), “ser alienado”, “passar para outras mãos”.¹¹⁷

O verbo *עָבַר* tem como ideia básica o movimento; ele indica o movimento de uma coisa ou pessoa em relação a uma outra pessoa ou a algum outro objeto que está parado ou se movendo. A tradução mais simples é “passar”, mas, na verdade, o verbo *עָבַר* pode assumir uma gama de significados. Existem quatro usos gerais importantes: 1) em sentido simples, onde *עָבַר* é “ir além” ou “mais adiante” (cf. Gn 18,5); também significa “ir”, quando a ênfase recai sobre o movimento, sem haver referência específica a um outro objeto (cf. Ex 38,26; Dt 2,14; Jó 13,13); 2) *עָבַר* pode ser usado para expressar o fato de que existe algum movimento entre dois lugares. Nesta categoria, encontra-se Israel atravessando o Jordão a fim de entrar na terra prometida (cf. Dt 27,3). Também é empregado para indicar a intenção de atravessar ou cruzar uma terra; 3) em sentido metafórico, indica a ideia de ultrapassar a grandeza ou riqueza do outro, ou de demonstrar que a perversidade de Judá e Israel ultrapassava a

¹¹⁵ Cf. T. BOMAN, *Hebrew thought compared with greek*. London: SCM, 1960, p. 38-49.

¹¹⁶ Cf. V. P. HAMILTON, “הָיָה”, *DITAT*, p. 351-352; M. OTTOSSON, “הָיָה”, *TDOT*, p. 369-381.

¹¹⁷ Cf. L. ALONSO SCHÖKEL, “עָבַר”, *DBHP*, p. 473-477; F. BROWN, “עָבַר”, *BDB*, p. 716.

de todas as outras nações (cf. Jr 5,28); ainda pode-se mencionar a troca (passagem) de mercadoria (cf. Ez 27,9), a morte como passagem desta vida (cf. Jó 30,15; Pr 22,3); 4) por fim, o verbo indica um conceito espiritual específico: as pessoas que transgridem a Aliança ou a Torá, ultrapassam os limites estabelecidos ao cometer um delito ou pecado (cf. Dt 17,2).¹¹⁸

O texto de Joel apresenta o verbo como uma ação que vai necessariamente cessar, ou seja, a ação dos estrangeiros que passavam invadindo os territórios dominados não terá perspectiva futura sobre a Cidade Santa.

c) Elementos peculiares de crítica textual e tradução de Jl 4,15-17

Existem poucas questões de crítica textual que podem ser levantadas, não obstante nada exista na BHS^{app}, a versão BHQ^{app} aponta alguns elementos, e outros são levantados por comentadores.¹¹⁹

- v. 15

A BHQ indica no v. 15 que os códices de *Aleppo* e do Cairo, o manuscrito Leningradense, juntamente com *Murabba*, testemunham o *sôf pasuq* logo após o termo םגה, enquanto no texto encontrado em Qumran existe um espaço vazio após o termo םגה.

Existem certas dificuldades em relação à tradução do tempo verbal do início do texto. Os dois primeiros verbos do v.15 estão no *qal qatal*, terceira comum plural. Esta forma verbal é geralmente traduzida como passado narrativo, no entanto, a sequência verbal seguinte remete para um tempo futuro. Com exceção do particípio do v. 17b, tem-se, respectivamente, dois verbos no *yiqtol*, três no *weqatal* e um último no *yiqtol*. Neste sentido, a tradução dos verbos do v. 15, como narrativa passada, parece não ser adequada mediante o restante do texto.

Todavia, muitas traduções preferem apresentar os dois primeiros verbos expressando uma ideia futura. As gramáticas da língua hebraica clássica apresentam casos semelhantes em muitas outras passagens bíblicas, onde coexistem, numa

¹¹⁸ Cf. R. L. HARRIS, “עבר”, *DITAT*, p. 1069; *BDB*, p.716; H. F. FUHS, “עבר”, *TDOT*, p. 408-424.

¹¹⁹ Cf. W. WOLF, *Joel and Amos*, p. 73.

mesma narrativa, verbos no *qatal* e no *yiqtol* referindo-se unicamente ao tempo futuro, não sendo, portanto, compreendido como um erro.¹²⁰ Poder-se-ia pensar em uma mudança de tempo verbal, como estilo literário para indicar algo que de certa forma já estava acontecendo e que terá continuidade futura.

- v. 16

A BHQ, no v. 16, aponta a expressão וַיִּרְעֲשׂוּ ocorrendo em Qumran com uma forma verbal diferente: וירעשו, que pode ser traduzido como “e tremerão”, no *yiqtol*, ou “tremeram”, no *weqatal*. Os testemunhos, em grego antigo, na Vulgata, no texto em Siríaco e no Targum, não determinam uma solução para a questão. O termo מְחָסָה é seguido em sentido pela Vulgata, que o traduz por “refúgio”; textos gregos antigos e a versão Siríaca traduzem por φείσεται (“protegerá”), no que parece ser um erro lexical. O Targum, semanticamente mais livre, apresenta a raiz verbal סָמַךְ (“suportou”). A Vulgata segue em sua tradução latina o significado da expressão hebraica וַיִּמְעֹז. Os testemunhos gregos, acompanhados da versão Siríaca, apresentam a expressão καὶ ἐνισχύσει (“e fortalecerá”), no que também parece ser um erro lexical, considerando o contexto. O Targum, em uma livre semântica, apresenta a expressão ויסעיד (“fez suportar”).¹²¹

Uma ausência da parte inicial (“mas YHWH de Sião rugirá, e de Jerusalém soltará a sua voz”) ocorre no Códice Sinaítico (século IV). O testemunho grego talvez tenha entendido que a aparição de YHWH poderia quebrar a sequência das manifestações cósmicas que se inicia no v. 15. A leitura do texto, sem esta expressão deixaria sem autoria os eventos cósmicos, assim como faltaria o sentido para o v. 17, quando YHWH, em primeira pessoa, proclama a sua habitação em Sião. A ausência de outros testemunhos a favor desta leitura e a busca da variante para apresentar uma sequência mais harmônica depõem a favor da leitura do TM como predileta. O *codex Sinaiticus* omite a expressão “וַיְהִי הַיּוֹהָ מְצִיּוֹן יִשְׁאַג וּמִירוּשָׁלַם יִתֵּן קוֹלוֹ” do v. 16, no entanto, ela é atestada em outros lugares e testemunhos.¹²²

¹²⁰ Cf. *GBH*, § 40-42; *GK*, § 40.47.

¹²¹ As notas da *Masorah Magna* indicam מְחָסָה e וַיִּמְעֹז. O termo מְחָסָה ocorre oito vezes com forma similar (Jl 4,16; Jr 17,17; Sl 62,9; 46,2; 71,7; 118,8,9; Rt 2,12 e o verbo אָחַסָה, com exceção de Sl 57,2). A expressão וַיִּמְעֹז ocorre duas vezes em Jl 4,16 e no Sl 28,8.

¹²² Cf. J. NOGASLKI, *Literary Precursors to the Book of the Twelve*, p. 26.

A BHQ indica que os códices de *Aleppo*, do Cairo e o Leningradense apoiam a expressão אֱלֹהֵיכֶם שָׁכֵן. O testemunho de Qumran apresenta um espaço entre os dois termos, além de apresentar grafias distintas nos dois termos, a saber: הַשׁוֹכֵן אֱלוֹהֵיכֶם. Muitos manuscritos gregos apoiam o termo שָׁכֵן, seguindo esta grafia, enquanto, no testemunho de Qumran, encontra-se o termo em sua forma plena e acompanhado de artigo (הַשׁוֹכֵן). O Targum interpreta teologicamente como “meus bem-aventurados os meus habitantes”. A leitura da Vulgata não é determinante para a questão.¹²³

Outra questão relevante a se notar é a mudança de pessoa que ocorre no v. 17b e no v. 17c. O texto, quase que repentinamente, passa da terceira pessoa masculina do singular para a primeira pessoa comum do singular, utilizando o pronome pessoal אֲנִי e o sufixo de primeira pessoa comum do singular no substantivo קִדְשׁ. Vocabulário e estrutura são semelhantes com o capítulo segundo do livro¹²⁴, assim como em outros exemplos no TM,¹²⁵ que por inferência, leva a relativizar o valor desta questão.

- v. 17

O v.17d (וְהִיְתָה יְרוּשָׁלַם קִדְשׁ) aparentemente apresentaria dificuldades de concordância. A questão deve levar em consideração a relação entre os substantivos יְרוּשָׁלַם (Jerusalém), em hebraico substantivo feminino singular e קִדְשׁ, que parece ter uma função adjetiva na expressão e é analisado como substantivo masculino singular. O verbo וְהִיְתָה no *qal weqatal* está na terceira pessoa do feminino singular para concordar com יְרוּשָׁלַם. A LXX traduz o substantivo קִדְשׁ por ἁγίω, que é um adjetivo feminino. Não existem testemunhos contrários, na crítica textual, dando a entender que a concordância do substantivo hebraico קִדְשׁ com יְרוּשָׁלַם, mesmo de gêneros distintos, fosse considerado algo estranho para a língua hebraica, podendo ser entendido como próprio da estrutura da língua hebraica clássica.¹²⁶

¹²³ As notas da *Masorah Parva* indicam a frase בִּי אֲנִי יְהוָה, mas uma vez que a frase ocorre mais de cem vezes, parece provável que os *circellus*, por cima da frase, possam incluir o termo seguinte, formando a frase בִּי אֲנִי יְהוָה אֱלֹהֵיכֶם, que ocorre somente dez vezes.

¹²⁴ Em Jl 2,27, encontra-se a mesma teologia e o uso do pronome pessoal de primeira pessoa, em Jl 2,1, o uso do termo “no meu monte santo”, como em Jl 4,15-17.

¹²⁵ Cf. Ex 3,5, 16,23; 30,31; 1Cr 6,34.

¹²⁶ É o caso de palavras hebraicas femininas que representam funções masculinas como קַהֲלָת (aquele que reúne a assembleia – cf. Ecl 1,1) e פּוֹקֵדֵת (condutor de rebanho – cf. Ecl 2,57; Ne 7,59).

A versão Siríaca substituiu o verbo “passarão” por “habitarão”. A razão da substituição parece ser uma harmonização com o início do próprio versículo, onde YHWH proclama que habita em Sião. Neste sentido, o texto organizado desta forma apresentaria um contraste entre os estrangeiros, que não mais habitarão em Sião, e YHWH, que habitará no meio de seu povo. O TM não gera dificuldades na leitura, assim como responde bem à teologia do contexto e da seção de Jl 4,15-17. A tentativa da variante, em criar um contraste estilístico, embeleza o texto, mas não representa uma leitura mais original, por isto, parece ser preferível seguir o TM. A LXX traduz o verbo “יַעֲבְרוּ” pelo verbo grego “διελεύσονται”, que pode ser traduzido como “dispersarão” ou “violarão”.¹²⁷

3.2.

Delimitação do texto e unidade

3.2.1

Proposta de delimitação

Partindo da observação textual, nota-se o critério utilizado pelos massoretas que colocaram em Jl 4,8 uma *setumah* (כִּי יְהוּהָ דִבֶּר: ס), indicando que em Jl 4,9 tem início uma unidade. O mesmo ocorre em Jl 4,17 (וְזָרִים לֹא יַעֲבְרוּ יָבֵה עוֹד: ס), demarcando que Jl 4,18 uma nova seção se inicia. Nesse sentido, de *setumah* a *setumah*, Jl 4,9-17 seria uma unidade textual.¹²⁸

Existem algumas propostas de delimitação interna dentro da unidade Jl 4,9-17:¹²⁹

- a) Jl 4,15-17 seria uma seção que trataria da convocação dos povos;¹³⁰
- b) Jl 4,12-17 seria uma seção que trataria dos eventos no vale de Josafá;¹³¹

¹²⁷ Cf. J. NOGASLKI, *Literary Precursors to the Book of the Twelve*, p. 26.

¹²⁸ Mesmo que não haja regularidade nestas marcas textuais do TM, deve-se levar em consideração o aparecimento delas nos textos e, juntamente com outros elementos, tais sinais podem ser indícios de uma possível delimitação.

¹²⁹ Cf. J. NOGASLKI, *Redactional Process in the Book of the Twelve*, p. 4-8.

¹³⁰ Cf. G. BERNINI, *Sofonias, Gioele, Abdia, Giona, Paoline*, Roma, p. 95-97.

¹³¹ Cf. T. E. MCCOMISKEY, *The Minor Prophets, an Exegetical and Expository Commentary*, p. 244.

- c) Jl 4,10-21 seria uma seção que trataria da temática sobre a libertação de Israel.¹³²

Todavia, pode-se argumentar, usando outros elementos e critérios, para assim justificar a delimitação de Jl 4,15-17:

- a) a expressão “כִּי יְהוָה דִּבֶּר” (Jl 4,8) fecha a seção antecedente e o v. 9 começa com a convocação para a “santificação da guerra”¹³³. Deste modo, é apresentada a palavra de YHWH direcionada aos povos estrangeiros, assim como para Judá-Jerusalém. A fala é introduzida em Jl 4,9 e concluída em Jl 4,17;
- b) a seção anterior (Jl 4,1-8), introduzida pela dupla expressão temporal “בַּיָּמִים הַהֵמָּה וּבָעֵת הַהִיא”, introduz a parte final do livro com a proclamação de YHWH em primeira pessoa, que julgará os povos estrangeiros por causa dos crimes praticados contra o seu povo;
- c) em Jl 4,18, abre-se uma nova unidade, introduzida pela terceira pessoa (singular e plural), caso que se difere de Jl 4,21a, onde, novamente, encontra-se uma fala de YHWH em primeira pessoa do singular, intercalada com a conclusão do versículo 21b, que retorna à terceira pessoa.

Analisando Jl 4,9-17, percebe-se duas seções: a primeira (vv. 9-14), que trata da convocação e reunião dos povos para o julgamento no vale de Josafá, e a segunda (vv. 15-17), que descreve como o *yôh* YHWH se apresentará favorável para Sião.

Pode-se observar Jl 4,9-14 da seguinte forma:

v. 9: convocação dos povos estrangeiros;

v. 10: transformação do material de trabalho em armas, do “fraco em forte”,¹³⁴

¹³² Cf. J. L. MACKENZIE, “Joel”, *Dicionário Bíblico*, p. 500.

¹³³ Esta expressão será estudada no comentário ao texto de Jl 4,15-17.

¹³⁴ YHWH dirige as tropas para forjar armas militares com as ferramentas agrícolas necessárias para a vida em tempo de paz. Em Is 2,4 e Mq 4,3, em contextos presumindo a derrota dos inimigos de Israel, essa imagem é invertida.

- vv. 11-12: reunião dos povos no vale de Josafá para o julgamento;
- vv. 13-14: imagens da colheita e do lagar transbordando;
 - v. 14a: as multidões reunidas;
 - v. 14b: anúncio da proximidade do *yôm* YHWH no vale de Josafá.

Jl 4,15-17 pode ser apresentado da seguinte forma:

- vv. 15-16: Os sinais cósmicos: mutação dos astros e as estrelas;
 - v. 16a: YHWH, de Sião, “ruge”, e os céus e a terra são abalados;
 - v. 16b: YHWH é o refúgio e proteção para os filhos de Israel;
- v. 17: em primeira pessoa, YHWH proclama que seu povo tomará conhecimento de que Ele habita em Sião, que tornará Jerusalém santa e que os povos estrangeiros não mais passarão por ela.

O v. 18, introduzido pela expressão temporal *וְהָיָה בַּיּוֹם הַהוּא*, parece indicar que Jl 4,18-21 é uma nova seção, cujo tema é o destino do povo eleito e das nações estrangeiras. Nesta seção tem-se a conclusão do livro, e nela se encontram oráculos sobre o destino do povo eleito e das nações estrangeiras em terceira pessoa. A restauração e abundância da natureza, referindo-se a Judá (montes, os lugares altos e córregos de água - v. 18b) e ainda um rio oriundo da casa de YHWH, que irrigará a terra (18c), são palavras positivas destinadas ao povo eleito.

Na sequência, o v. 19 é claramente um contraste, pois trata do terrível destino do Egito e de Edom. Estas cidades serão desoladas. O julgamento negativo de YHWH sobre estas nações é justificado pelo sangue inocente dos filhos de Judá que elas derramaram. O v. 20 marca um retorno ao já iniciado oráculo positivo sobre Judá e Jerusalém. Elas serão sempre habitadas, em contraste com a desolação das nações estrangeiras. Na primeira parte do v. 21, em primeira pessoa, YHWH promete purificar os que ainda não foram limpos, e o versículo termina em terceira pessoa, com a afirmativa de que YHWH habita em Sião.¹³⁵

¹³⁵ O *qal* particípio ativo *יָשַׁב* pode ser também traduzido por “habitará”, considerando que o versículo inicia com a forma verbal *weqatal*, que rege o texto, e geralmente indica uma ação que continua a ser seguida pelos demais verbos do versículo.

Jl 4,15-17 apresenta uma mudança temática em relação à seção anterior (Jl 4,9-14), que trata da convocação e reunião dos povos para o julgamento no vale de Josafá. O final da seção, no v. 17, não apresenta dificuldade para a delimitação por causa da mudança temporal contida na expressão **וְהָיָה בַיּוֹם הַהוּא**, do v. 18.

Parece possível afirmar que, mesmo não sendo uma unidade, Jl 4,15-17, pode ser considerada uma seção dentro de uma unidade maior (Jl 4,9-17). Pode-se dizer ainda que, em Jl 4,15-17, não se encontram tensões internas, havendo continuidade entre os vv. 15-17. Estes seguem uma mesma lógica teológica, corroborando para o desenvolvimento da descrição do *yôm* YHWH e do desfecho positivo do livro de Joel.

3.3.

Gênero literário de Jl 4,15-17

De maneira geral, os comentários apontam que Jl 4,15-17 seria pertencente ao gênero apocalíptico,¹³⁶ ou escatológico.¹³⁷ Neste sentido, se faz necessário apontar alguns elementos que distingam estes “gêneros”. E ainda, de modo mais específico, buscar determinar se o texto é um oráculo de condenação ou de salvação para Judá-Jerusalém ou para as nações estrangeiras.

A “apocalíptica”, como um fenômeno literário, possui vários gêneros literários, entre os quais o gênero literário “apocalíptico”,¹³⁸ que é distinta da escatologia.¹³⁹ De maneira geral, pode-se afirmar que apocalíptico é “um gênero da literatura de revelação com uma estrutura narrativa, na qual, uma revelação é mediada por um ser de outro mundo para um receptor humano, revelando uma realidade transcendente, que é, ao mesmo tempo, temporal, enquanto visa à salvação escatológica, e espacial, ao envolver um outro mundo, um mundo sobrenatural”.¹⁴⁰

¹³⁶ Cf. M. A. SWEENEY, *The Twelve Prophets*, p.150-152; D. A. GARRETT, “The Structure of Joel”. In: *JETS*, 28/3 (1985), p. 289-297.

¹³⁷ Cf. W. S. PRINSLOO, *The Theology of the Book of Joel*, p. 118; G. BERNINI, *Sofonia, Gioele, Abdia, Giona*, p. 108-109.

¹³⁸ Cf. M. L. C. LIMA, “Escatologia”. In: *Diccionario del Profetismo Bíblico*, p. 264; G. VON RAD, *Teologia do Antigo Testamento*, p. 296-297.

¹³⁹ Cf. M. L. C. LIMA, “Escatologia”. In: *Diccionario del Profetismo Bíblico*, p. 264.

¹⁴⁰ J. J. COLLINS, “Apocalyptic literature”. In: R. A. KRAFT, G. W. NICKELSBURG (eds.), *Early Judaism and its modern interpreters*, p. 346.

A apocalíptica contém uma perspectiva religiosa que focaliza o desvelamento da realidade (geralmente esotérica em sua natureza) no âmbito de uma visão cósmica e simbólica, mostrando a soberania de YHWH.¹⁴¹

A escatologia não pode ser considerada um gênero literário, uma vez que não se expressa de uma forma fixa, mas se “caracteriza por um enunciado de futuro como ruptura, no sentido de transformação radical e definitiva”.¹⁴² Surge como uma consequência da concepção de história e do caráter determinante da ação divina, que abre a esperança de uma salvação perene. O determinante, em todo processo escatológico, é a iniciativa de Deus, que põe fim à situação negativa do momento e cria uma nova realidade salvífica.¹⁴³

A conexão entre a escatologia e a apocalíptica pode ser vista na orientação de ambas para o futuro, como o contexto da redenção divina e sua atividade julgadora.¹⁴⁴ A ação salvífica de YHWH, na apocalíptica, é concebida como uma realidade para fora da ordem presente.¹⁴⁵ A transformação da escatologia profética em apocalíptica acontece quando se renuncia à tarefa de traduzir a visão cósmica para as categorias da realidade do mundo.¹⁴⁶

A partir destas características, Jl 4,15-17 não deve ser considerado um texto apocalíptico, devido à ausência de revelação mediatizada e realização salvífica pós-histórica. Existe, em Joel, um vocabulário cosmológico num contexto de declaração salvífica da parte de YHWH, em uma esperança do tipo escatológica.¹⁴⁷ Os elementos cósmicos, por si mesmos, não caracterizam um gênero escatológico¹⁴⁸ e, no que é possível afirmar, a manifestação cósmica é parte de uma teofania e, de forma mais explícita no conjunto do livro, está ligada diretamente ao *yôm* YHWH.¹⁴⁹

¹⁴¹ P. D. HANSON, *Apocalíptica no Antigo Testamento, um Reexame*, p. 11.

¹⁴² Cf. M. L. C. LIMA, “Escatologia”. In: *Diccionario del Profetismo Bíblico*, p. 260.

¹⁴³ Cf. Idem, p. 260-261.

¹⁴⁴ Cf. A. LLAMAS VELA, “Apocalíptica, La”. In: *Diccionario del Profetismo Bíblico*, p. 71-83.

¹⁴⁵ Cf. Idem, p. 71-82 .

¹⁴⁶ Cf. Idem, p. 83-84.

¹⁴⁷ D. E. Gowan (cf. *Eschatology in the Old Testament*, p. 4-20) afirma que o tema de Sião está no centro do desenvolvimento de toda a escatologia vétero-testamentária pois está ligado com a globalidade da esfera criada com a transformação da sociedade humana, da pessoa humana e da natureza.

¹⁴⁸ Cf. M. L. C. LIMA, “Escatologia”. In: *Diccionario del Profetismo Bíblico*, p. 260.

¹⁴⁹ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 20-30.

O *yôm* YHWH, no livro de Joel, é uma:

categoria específica da linguagem profética, que condensa a dimensão teofânica, porque é YHWH quem se manifesta; cultural, porque é YHWH quem vem celebrado; bélica, porque é YHWH quem sai em batalha a favor ou contra o seu povo; e escatológica, porque é YHWH quem fecunda a imanência do tempo com a essência da sua eternidade.¹⁵⁰

Tal escatologia deve ser compreendida dentro do âmbito da história e não como algo pós-terreno. Sendo assim, o contexto literário-teológico de Jl 4,15-17 indica, indubitavelmente, que se trata de um oráculo de salvação, com duplo efeito, de salvação para Judá-Jerusalém e de condenação para as nações inimigas, que agiram de forma cruel contra o povo eleito. Jl 4,15-17 se estabelece em consonância com a lógica do *yôm* YHWH ao longo do próprio livro e se desvela como consequência lógica do agir divino nos quatro capítulos de Joel em prol da salvação do povo eleito.¹⁵¹

3.4.

Unidade e estrutura de Jl 4,15-17

As duas partes do livro de Joel (Jl 1–2 e Jl 3–4) permitem perceber o sentido coerente delas e favorecem a compreensão de Jl 4,15-17 pelos temas contidos em cada uma das partes e entrelaçados pela temática do *yôm* YHWH. Isso mostra como a redação final estabeleceu o desenvolvimento do pensamento teológico em suas demais unidades e seções. Deste modo, buscar-se-á apresentar como em Jl 4,15-17, internamente, pode ser observada uma sincronia e uma harmonia do pensamento teológico¹⁵².

¹⁵⁰ Cf. L. A. FERNANDES, “O *yôm* YHWH, expressão e temática no corpus dos Doze Profetas (2º parte)”. In: *ATEo*, 29 (2008), p. 359.

¹⁵¹ Cf. J. SCHEREINER, “Formas y Géneros literários en el AT”. In: *Introducción a los Métodos de la Exégesis Bíblica*. Barcelona: Editorial Herder, 1974, p. 276.280-281.

¹⁵² A seção de Jl 4,15-17 apresenta também semelhança semântica e temática com o restante do livro. A comparação temática pode ser encontrada no quinto ponto deste trabalho. Todas as relações semânticas-lexicais, podem ser observadas no Apêndice deste trabalho, no item “Tabela 1 – Comparação de Jl 4,15-17 em relação ao Livro de Joel”.

Jl 4,15-17 pode ser organizado da seguinte forma:

- v.15ab**– sinais cósmicos: mutação do sol, da lua e das estrelas;
- v.16abc** – YHWH, de Sião, “ruge” e os céus e a terra são abalados;
- v.16d** – YHWH é refúgio;
- v.16e** – YHWH é fortaleza dos filhos de Israel;
- v.17ab** – **YHWH proclama que haverá o conhecimento do povo;**
- v.17c** – YHWH habita em Sião;
- v.17d** – YHWH tornará Jerusalém santa;
- v.17e** – promessa de que os povos estrangeiros não mais passarão pela cidade.

Jl 4,15-17 pode ser apresentado em um paralelismo,¹⁵³ no qual a descrição da manifestação divina tem duplo efeito para o povo de Judá-Jerusalém e para as nações estrangeiras, e, desta forma, dupla consequência: respectivamente salvação e condenação. No centro do texto, está a fala divina que proclama que o povo terá o conhecimento de YHWH.

Em Jl 4,15-16, o enfoque está nos elementos cósmicos que se agitam com a manifestação de YHWH no monte Sião. A ação do sujeito, nestes versículos, parece relacionar-se com uma transformação cósmica progressiva: primeiro dos astros e, depois, dos céus e terra, ou seja, uma reação cósmica total à manifestação terrível do *yôm* YHWH. A indicação do tempo verbal *weqatal*, que rege os versículos, pode apontar para uma preparação à ação divina, dando solenidade literária para aparição de YHWH.

Nos vv. 16b-17, encontra-se a ação de YHWH, protegendo o seu povo dos acontecimentos terríveis. O julgamento destina-se aos povos estrangeiros e não para povo de Judá-Jerusalém.

No centro, v. 17a, de forma contrária ao juízo dos povos inimigos, Judá-Jerusalém serão protegidas, e terão conhecimento de YHWH. É a partir disto que se estabelece um vínculo permanente entre a Cidade Santa e YHWH.

¹⁵³ É possível perceber certo paralelismo em Jl 4,15-17 quanto se consideram os elementos constitutivos dos céus: sol, lua e estrelas (cf. Jl 4,15a), os da terra: Sião, Jerusalém (cf. Jl 4,16ab.17cd) e ambos: céus e terra (cf. Jl 4,16c).

Existe um paralelismo positivo entre os vv. 16ba /16bβ e 17b/17c que valoriza a ação divina salvífica para seu povo. YHWH é um refúgio para o seu povo na medida em que Ele assume Sião como cidade da sua habitação; YHWH é proteção para os filhos de Israel, na medida em que Ele santifica Jerusalém em uma relação de intimidade e conhecimento.

- v. 16d** – YHWH refúgio (מְחַסֶּה) **v. 17c** – YHWH aquele que habita em Sião (שֹׁכֵן)
v. 16e – YHWH proteção (מְעִיר) **v. 17d** – YHWH tornará Jerusalém santa (שֹׁדֵד)

Os vv. 15-16a e 17e, enfocam a reação do cosmo e a promessa-declaração de que as nações jamais “passarão” pela Cidade Santa. A relação se estabelece pelo movimento no uso dos verbos: na primeira parte *qatal*, indicando uma ação completa, mais aberta ao futuro, e, na segunda parte um *yiqtol* que direciona a um futuro, mas ao mesmo tempo, uma conclusão da ação divina iniciada no v. 15.

- vv. 15-16a** – קָדְרוּ (escureceram [sol e lua])
 אָסְפוּ ([estrelas] recolheram [brilho])
 רָעְשׁוּ (estremeceram [céus e terra])
v. 17e – לֹא-יַעֲבְרוּ (não passarão [estrangeiros])

Jl 4,15-17 é caracterizado, de forma emblemática, por um exclusivismo judaico.¹⁵⁴ Não existe nenhum tipo de condenação para o povo eleito, mas uma iniciativa de YHWH que apela para um relacionamento mais profundo e diferenciado. As nações estrangeiras são condenadas pela violência e pelo sangue derramado (cf. Jl 4,19). Estas, de forma definitiva, nunca mais passarão pela terra que é habitação de YHWH, onde sua morada está fixada. A ação divina é fruto de uma resposta do povo (cf. Jl 2,12-18), pois exige conhecimento de YHWH e, neste sentido, se antecipa à comunhão desejada ou idealizada por YHWH.

¹⁵⁴ Cf. J. J. M. ROBERTS, “The Davidic Origin of the Zion Tradition”. In: *JBL*, 92 (1973), p. 329-344.

3.5.

Jl 4,15-17 e o *yôm* YHWH

O tema do *yôm* YHWH está presente em todos os capítulos do livro de Joel (cf. Jl 1,15; 2,1-11; 3,4; 4,15), e pode ser considerado a “coluna vertebral” do escrito. A partir de sua compreensão é possível entender a unidade, a teologia e a mensagem do livro. Desta mesma forma, o tema da sublimidade de Sião parece estar implicado na compreensão do significado do *yôm* YHWH em Joel.

Os estudos sobre o livro de Joel evidenciam a pluralidade das interpretações sobre o tema do *yôm* YHWH no livro de Joel. Sendo o livro considerado uma obra literária de duas partes (Jl 1–2 e Jl 3–4), estas interpretações apresentavam de forma geral, o *yôm* YHWH em uma relação dicotômica dentro do livro e, deste modo, contraditória.

Na primeira parte o *yôm* YHWH é visto como manifestação punitiva ao povo de Judá-Jerusalém por causa de um pecado implícito, sendo esta medida uma forma de correção.¹⁵⁵ Na segunda parte há uma reversão deste quadro, onde o *yôm* YHWH volta-se contra as nações estrangeiras e se torna uma expressão salvífica para o povo eleito.¹⁵⁶

Tal compreensão se mostra problemática, quando se percebe o livro de Joel como uma unidade. Mesmo podendo ser considerada a hipótese de um desenrolar longo de uma história da redação, o livro teve sua forma final estruturada como um texto recebido e, desta maneira, acolhido e reconhecido pela comunidade dos ouvintes-leitores. O mais importante, parece ser neste caso, que o livro de Joel não é apenas uma colagem de partes oriundas de mãos distintas, mas uma obra que levou em consideração o sentido, a temática e a teologia, dando ao texto uma compreensão unitária e coerente. Deste modo, uma interpretação dicotômica do *yôm* YHWH, implicaria no reconhecimento apenas do caráter fragmentário do livro, sem uma coerência interna. Algo que, na prática, não se encontra no livro de Joel.¹⁵⁷

¹⁵⁵ Cf. H. SIMIAN-YOFRE, *Amos*. Milano: Paoline, 2002, p. 122.

¹⁵⁶ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 43-45.

¹⁵⁷ Idem, p. 41.

Em uma leitura sincrônica do livro, a partir de sua forma canônica,¹⁵⁸ deve ser possível perceber uma unidade temática e teológica do livro.¹⁵⁹ Neste sentido, a chave de compreensão do livro parece estar no tema do *yôm* YHWH, que demonstra ter uma lógica capaz de harmonizar o escrito, sem fragmentá-lo.

Assim, pode-se apontar para uma interpretação do *yôm* YHWH positiva, pois expressa a ação salvífica para Judá-Jerusalém, elevando o povo eleito a uma autêntica relação com YHWH que reina da Cidade Santa e faz justiça para o seu povo diante das nações.

Deste modo, pode-se compreender a temática desenvolvida em Jl 4,15-17, que é apresentada como a explicitação do conceito de sublimidade de Sião. A compreensão da ação salvífica de Judá-Jerusalém é o desenvolvimento natural de todo o conjunto do texto, que desvela a ação de YHWH cada vez mais favorável ao seu povo, dentro de uma autêntica relação de conhecimento e de justiça. Pode-se encontrar um caminho distinto nesta abordagem, uma vez que o *yôm* YHWH, em Joel, não possui características negativas para o povo eleito. O que pode ser apontado, por sua vez, é que não existe no livro pecado nem explícito, nem implícito, mas uma “inércia frente à desolação que o povo está passando” (cf. Jl 1–2).¹⁶⁰ Assim, não se deve interpretar o *yôm* YHWH como um castigo ou juízo sobre um povo que já está massacrado e depauperado pelas catástrofes.¹⁶¹

As conclusões sobre a lógica do *yôm* YHWH, no livro de Joel, apontam para possíveis interpretações sobre o fenômeno, que podem ser sintetizadas nos seguintes pontos:¹⁶²

- a) Jl 2,1-11 não é um oráculo de condenação dirigido a Judá-Jerusalém, mas um anúncio que traz esperança, pois antecipa a promessa da efusão do espírito (Jl 3,1-5) e o juízo contra as nações (Jl 4);

¹⁵⁸ A busca por uma legitimação da leitura canônica dos textos bíblicos é uma preocupação não apenas acadêmica, mas também eclesial (cf. PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, *A interpretação da Bíblia na Igreja*. São Paulo: Paulinas, p. 204-205).

¹⁵⁹ Cf. L. H. ELOY E SILVA, “O sentido teológico do Texto Bíblico: releitura e horizontes da intervenção de Bento XVI durante o Sínodo sobre a Palavra na Vida e na Missão da Igreja”. In: *Horizonte Teológico*, 10/18 (2010), p. 15-16.18-20.

¹⁶⁰ Cf. L. A. FERNANDES, *O yôm YHWH em Jl 2,1-11*, p. 58.

¹⁶¹ Idem, p. 60-62.

¹⁶² Idem, p. 58-59.

- b) o *yôm* YHWH na profecia de Joel precede, na ordem do cânon hebraico, o anúncio de Amós, Abdias e Sofonias e Malaquias;
- c) o *yôm* YHWH em Joel é uma temática sem dicotomias e que favorece a leitura unitária do escrito;
- d) a expressão *yôm* YHWH se tornou uma fórmula teológica de duplo efeito no *corpus* do *Dodekapropheton* a partir do escrito de Joel.

O texto de Jl 4,15-17 está inserido no contexto do *yôm* numa manifestação teofânica de YHWH que define a sorte do povo diante das nações estrangeiras. Tal manifestação salvífica é demonstrada como um desenvolvimento esperado ao longo do livro, uma vez que YHWH se manifesta gradativamente para salvar: de uma condição de calamidade natural, da apatia, da calamidade social e global.

Deste modo, a sublimidade da Cidade Santa, expressa em Jl 4,15-17, é uma manifestação positiva de YHWH para o povo eleito, e demonstra a predileção por essa cidade como habitação de sua presença santa, como Rei verdadeiro e justo, que convida o povo, na manifestação de suas obras, ao (re)conhecimento dele e da sua ação salvífica na história.

3.6.

A “tradição de Sião” em Jl 4,15-17

Não é possível estudar Jl 4,15-17 sem levar em consideração o impacto do desenvolvimento de uma tradição sobre Sião como pano de fundo de sua interpretação sobre a sublimidade. Sabe-se que a história da chamada “tradição de Sião” é difícil de se traçar, pois os elementos e as chaves de seus textos são incertos. Uma das prováveis raízes parece estar na tradição que remonta a arca da aliança¹⁶³ de YHWH dos exércitos, entronizada sobre os querubins.¹⁶⁴ A expressão “YHWH dos exércitos” tornou-se comum no culto de Jerusalém.¹⁶⁵ O Sl 24,10 celebra a triunfante entrada de “YHWH dos exércitos”, identificado como “Rei da glória” dentro de seu monte santo (cf. Sl 24,10). O termo כְּבוֹד é outro que está associado com a arca. Após

¹⁶³ Cf. 1Sm 4,4; 2Sm 6,2; Is 37,14-16; Sl 99,1-3.

¹⁶⁴ Cf. J. L. MACKENZIE, “Arca da Aliança”, *Dicionário Bíblico*, p. 69-70.

¹⁶⁵ Cf. Idem, “Jerusalém”, *Dicionário Bíblico*, p. 473-479.

ser capturada pelos filisteus a nora do sumo sacerdote tem um filho e lhe dá o nome de אֵי-כְבוֹד, que significa, literalmente, “sem glória”, pois a arca havia sido tomada (cf. 1Sm 4,21). Assim, parece que um dos antecedentes da tradição de Sião pode ser encontrado na tradição da arca da aliança.¹⁶⁶ No entanto, tal tradição não pode explicar por si só o conceito de monte inviolável e habitação de YHWH encontrados em Jl 4,15-17.

O antecedente mais importante da tradição de Sião, provavelmente, está na tradição do monte Sinai¹⁶⁷, na figura prototípica do rei Davi, que, após a aparição do mensageiro de YHWH, toma posse da região para edificar um altar (cf. 2Sm 24,15-25). É possível que o conceito de “monte sagrado”, tenha raízes canaanita,¹⁶⁸ e que assimilado pela tradição hebraica, inspirada na topografia de Sião, tenha começado a intitular YHWH de rocha, fortaleza, refúgio (cf. Sl 71,2; 125,2). No entanto, a ausência de evidências concretas de uma origem pré-israelita, inspirada na veneração da Jerusalém dos Jebuseus, deixa a questão para um nível de conjectura.¹⁶⁹

Com a conquista de Jerusalém, a unidade política entre Judá e Israel, sucedida pela construção do Templo,¹⁷⁰ a tradição de Sião tornou-se um componente essencial da tradição religiosa de Israel. Isto retoma a compreensão de que a tradição de Sião esteja associada ao elemento monárquico, de maneira especial, com a dinastia davídica, onde uma não poderia ser articulada sem a outra.

O simbolismo de Sião como nação pode derivar do conceito de monte como o lugar sagrado, no qual, um rei humano, que é uma espécie de vice-rei do divino rei (por isso ungido), foi entronizado, subjuguou os rebeldes e os fez vassalos (cf. Sl 2; 110). Deste modo, o monte Sião passaria a ser reconhecido como local simbólico, materializado, no imaginário, como lugar de peregrinação e centro político e

¹⁶⁶ Cf. J. D. LEVENSON, “Zion Traditions”. In: D. N. Freedman (org.), *Anchor Yale Bible Dictionary*. Yale Press, vol. 5, 2009, p. 1099-1102.

¹⁶⁷ Em Jl 4,15-17, Sião seria um epônimo do monte Sinai (cf. L. A. FERNANDES, “o *yôm* YHWH, expressão e temática no corpus dos Doze Profetas - 2ª parte”. In: *ATeo*, 30 (2008), p. 349).

¹⁶⁸ Cf. R. J. CLIFFORD, *The Cosmic Mountain in Canaan and the Old Testament*. Cambridge: Harvard Semitic Monographs 4, 1972. p. 56.

¹⁶⁹ Cf. J. D. LEVENSON, “Zion Traditions”. In: D. N. Freedman (org.), p. 1099-1102.

¹⁷⁰ Cf. J. L. MACKENZIE, “Templo”, *Dicionário Bíblico*, p. 912-918.

religioso. De tal forma que reis importantes como Ezequias e Josias foram descritos como centralizadores do culto em Jerusalém (cf. 2Cr 30; 2Rs 23,1-27).¹⁷¹

Pode-se pensar que a tradição de Sião tenha se desenvolvido na literatura profética por meio de Isaías (cf. Is 4,5), mas isto parece ter sido uma interpolação e a ideia de uma inviolabilidade de Sião poderia ter se desenvolvido após o fracasso de Senaqueribe, rei da Assíria, ao tentar depor Ezequias e conquistar a Cidade Santa (cf. 2Cr 32,22).

Após a queda de Judá e a destruição do Templo, Sião se tornou um símbolo da desgraça nacional e sinal de contradição entre a prometida cidade real e a memória da ruína daquela era. O livro das Lamentações retrata a queda de Sião como o direcionamento da nação para a agonia, sinal da rejeição de YHWH (cf. Lm 1,1-11). Entretanto, com o exílio da Babilônia, recomeçou uma relação de confiança que novamente se estabeleceria a Cidade Santa (cf. Sl 137,3), e YHWH restabeleceria a dignidade de seu monte, habitando no meio do seu povo. O exílio não deveria ser reinterpretado como se YHWH houvesse esquecido seu povo (cf. Is 49,14-23).

O livro de Joel revela, indiretamente, uma relação pouco observada, de que os sacerdotes são obedientes à voz profética (cf. Jl 1,13; 2,17). Este elemento pode ajudar a remontar o período de transição entre o final do exílio e o estabelecimento do governo sacerdotal hierocrático, que se firmará ao longo do pós-exílio, ou mesmo, uma idealização desta relação que transparece conflitante nos escritos proféticos. O livro de Joel não expressa uma hierocracia, mas uma relação positiva entre os sacerdotes, anciãos, povo e a atuação profética, visto que YHWH se dirige aos sacerdotes através de Joel e eles o obedecem (cf. Jl 1,13-14). A ausência da monarquia terrena enfatiza a presença do rei divino, que estabelece sua morada no coração do povo, promovendo a santidade e a justiça.

Assim, Jl 4,15-17 parece revelar certa continuidade com a tradição de Sião, mas também se mostra descontínua, pois, em Sião, YHWH, uma vez entronizado em seu Monte Santo, se estabelece como Senhor da história, juiz universal, refúgio e fortaleza para o seu povo. Existe porém um deslocamento da figura monárquica, de linhagem davídica para uma centralização no culto a YHWH que habita em Sião.

¹⁷¹ Cf. J. D. LEVENSON, “Zion Traditions”. In: D. N. Freedman (org.), p. 1100.

Neste contexto, o reconhecimento de YHWH por parte do povo se restabelecerá, tendo como meio a unção de todo o povo, em seu espírito (cf. Jl 3,1-5) santificando a nação.

Certamente, Sião é mais que um lugar espacial, tem um significado simbólico. Sião é o sinal do reinado exclusivo de YHWH sobre seu povo, na medida que a experiência do exílio levou Israel a exaltar a realeza salvadora de YHWH, além de qualquer instituição terrestre.¹⁷² Somente YHWH pode ser considerado rei.

Neste sentido, o livro de Joel poderia ser entendido como uma nova forma de leitura da tradição de Sião, tendo, como característica principal, uma centralização religiosa em YHWH, a partir da nova época instaurada pelo *yôm* YHWH.

¹⁷² Cf. J. L. B. GÓMEZ, “Sión-Jerusalén”. In: *Diccionario del Profetismo Bíblico*, p. 696-709.